

PARTEIRA: RELATOS DE CUIDADO E DESAFIOS NA PRÁTICA DA PROFISSÃO

Gildésio Santos Batista

E-mail: gilgbi20@hotmail.com

Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XII

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é conhecer como se dava o cuidado e quais eram os desafios da profissão de parteira, em uma época onde a medicina era ainda muito restrita a alguns grupos da sociedade. Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista com uma ex-parteira, residente na zona rural de Palmas de Monte Alto¹, Bahia. O trabalho tem também como intuito, descobrir como e quando surgiu o interesse e a motivação para se tornar parteira, e as práticas que utilizava para desempenhar um papel de tanta responsabilidade e extrema importância para a comunidade onde atuava, visto que o acesso à saúde não era tão fácil, quando somadas as condições de transporte, a distância da cidade, e até mesmo a disponibilidade de médicos nas unidades de saúde que existiam na cidade. O estudo aponta que a entrevistada atuava com dedicação auxiliando várias mães em um dos momentos mais importantes de suas vidas, que é o momento de dar à luz a seus filhos, trabalho este que para ela, considera ser um dom dado por Deus, uma missão que cumpria, resultado de uma necessidade, imposta pelas condições da época quando ainda atuava.

Palavras-chave: Medicina. Saúde. Trabalho.

Considerações iniciais

As parteiras tradicionais cumprem um papel muito importante na vida da comunidade, pois auxiliam a gestante e contribuem para uma gravidez saudável em espaços onde o atendimento médico é muito difícil ou até mesmo inexistente, prestando assistência à parturiente antes, durante e após o parto. As parteiras tradicionais têm ajudado com atendimento às gestantes durante séculos em quase todas as culturas. O termo “parteira” é tão antigo quanto a própria profissão, não iniciou como uma profissão remunerada, mas sim a necessidade instintiva para os cuidados de uma mulher em seu estado mais delicado, quando grávida.

A assistência ao parto no Brasil não é homogênea. A maioria dos partos é realizada em ambiente hospitalar, mas, em muitas regiões do País, especialmente nos meios rurais, ribeirinhos e lugares mais distantes, a única opção que existe para a mulher é o parto domiciliar assistido por parteiras tradicionais. Deve-se ressaltar que o parto domiciliar, em alguns casos, é uma opção da mulher (BRASIL, 2004).

¹ Palmas de Monte Alto é um município histórico brasileiro do estado da Bahia, uma das cidades mais antigas do estado, localizado na região sudoeste do estado, distante 718 quilômetros da capital Salvador, nascida da fé, por uma promessa feita a Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens; é a porta de entrada principal do Parque Estadual da Serra dos Montes Altos, parque que vem se destacando no turismo ecológico.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Infância e
Juventude

16 a 19 de agosto

Este texto é fruto de trabalho sobre a curricularização da extensão em que se articula pesquisa e extensão no componente curricular “Núcleo de Pesquisa e Prática Pedagógica II” do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Campus XII. Ao se discutir em sala de aula sobre a forma monocultural do saber, como a ciência ocidental desprezou experiências no processo de produção de conhecimento e, ao professor deste componente dizer que nós íamos desenvolver um trabalho em que pudesse dialogar com pessoas/grupos sociais de nossas comunidades, pensei, então, em desenvolver com a parteira que me trouxe ao mundo, assim como outros quatro filhos de minha mãe.

O estudo teve como pergunta principal: Como aconteciam os cuidados e quais os desafios ao longo da atuação como parteira? Na perspectiva de responder tal questionamento, elaborou-se o seguinte objetivo: Conhecer como se davam os cuidados e os desafios no ofício da parteira. Nesse sentido, pensou em algumas problematizações: a) Como surgiu a motivação para se tornar parteira?; b) Como se deu o processo de aprendizagem, foi somente com a prática ou também através de cursos específicos?; c) Os partos eram feitos no domicílio da parturiente ou havia um local específico para realização dos mesmos?; d) Havia um cuidado em relação ao pré-natal, e após o parto o bebê e a puérpera recebiam algum tipo de acompanhamento?; e) Recebia algum valor em forma de compensação pelo trabalho?; f) Como era avisada a respeito de um parto a ser realizado e, como se dava o deslocamento para o local onde ia realizar o mesmo?; g) Hoje, como é a relação com os já adultos que vieram ao mundo através das suas mãos, e a comunidade ainda demonstra um sentimento de reconhecimento pelo trabalho prestado?

Este texto está organizado com esta introdução e um breve referencial teórico.

Referencial teórico

Parteiras tradicionais são mulheres mestras do ofício do partejar, detentoras de um repertório de saberes e práticas ancestrais acerca da gestação (pré-natal, parto e pós-parto), transmitidos de modo doméstico e familiar, que, pelo seu caráter de sistema híbrido, devido ao cruzamento de matrizes culturais e epistemologias distintas, e aberto por absorver novos e atuais elementos e referências, traduz o complexo processo de construção da cultura brasileira.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas Públicas

16 a 19 de agosto

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), parteira tradicional (PT) é a pessoa que assiste a mãe durante o parto e que adquiriu seus conhecimentos iniciais de parturição por si mesma ou com outras parteiras tradicionais. O Ministério da Saúde brasileiro define as PT como mulheres que prestam assistência ao parto domiciliar com base em saberes e práticas tradicionais e são reconhecidas pela comunidade como parteiras (BRASIL, 2010, s.p).

As parteiras acompanham de perto o pré-natal, o parto, o resguardo e os primeiros dias após o nascimento, certificando-se do bem-estar da mulher e do bebê e repassando orientações a todos da família acerca dos cuidados com a mãe e seu filho, no que diz respeito a interdições, permissões e indicações (BRASIL, 2021, p. 06).

Maia *apud* Neves (2002), afirma que a profissão parteira é uma das mais antigas, já reconhecida na Bíblia, no livro do Êxodo. As parteiras, são elas “protagonistas na manutenção das comunidades onde vivem e detentoras de um exímio conhecimento cognitivo que as tornam especialistas na arte de ‘pegar menino’” (TEIXEIRA, 2018, p. 07).

Em comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas e localidades isoladas, onde, muitas vezes, o acesso aos serviços públicos é limitado, os profissionais de saúde contam com um importante reforço para o cuidado da mulher e da criança: as parteiras tradicionais. Lembradas neste dia 20 de janeiro, por ocasião da data de comemoração nacional, a atuação dessas mulheres fortalece a rede de autocuidado comunitário, que auxilia na redução da mortalidade. Um conhecimento tradicional que, atualmente, ganha novos contornos com o estímulo ao parto humanizado. Muito antes da universalização do serviço pelo Sistema Único de Saúde, em 1988, as parteiras percorriam o interior do país ajudando mães e bebês. Um trabalho reconhecido e valorizado pelo Ministério da Saúde que, ao longo das décadas, buscou a acolhida e a colaboração de quem tem por ofício a promoção da saúde. Em 2011, com o lançamento Rede Cegonha, do governo federal, a Pasta incluiu o trabalho das parteiras tradicionais como elemento de saúde comunitária. (BRASIL, 2023, s.p)

Sobre o parto tradicional, as parteiras realizam uma coleção de práticas que se unem ao apoio da gestante e da família. Preces, chás, massagens, palavras de estímulo e acolhida sobre as escolhas da mulher sobre o que comer, em qual postura parir e a liberdade para chorar e gritar, tornam a parturiente protagonista do parto. “Na assistência à gestação, ao parto e ao puerpério, as parteiras mobilizam técnicas cujas funções práticas e simbólicas são fundamentais para a saúde e a qualidade de vida da gestante e da criança” (BRASIL, 2021, p. 05).

Neves (2002), auxilia-nos a refletir sobre o ritual do parto como um momento de integração entre seres humanos, principalmente entre mulheres. Ele afirma que o momento do



parto sempre teve o poder de agrupar mulheres, vizinhas, amigas, e parentes próximas em volta da parturiente, gerando amizades profundas, comadrismos, um número grande de crenças acompanhadas de um universo simbólico.

Hoje, o Ministério da Saúde, está investindo no resgate, na formação e atuação de enfermeiras obstétricas, através da criação de vários cursos de especialização e residência em enfermagem obstétrica, a humanização do parto, do nascimento. Em 2022, o Governo Federal sancionou o projeto de lei que estabelece o piso salarial nacional dos profissionais de enfermagem, técnicos, auxiliares de enfermagem e parteiras.

O Projeto de Lei 2.564/2020, aprovado em junho pelo Congresso Nacional, altera a Lei nº 7.498, de 1986. O novo piso salarial estabelecido para enfermeiros, contratados em regime CLT, é de R\$ 4.750,00. Já o mínimo salarial para técnicos de enfermagem será de R\$ 3.325 reais mensais. Auxiliares e obstetrizes irão receber o piso de 2.375 mensais. Justa valorização para um ofício tão importante. (BRASIL, 2023).

Uma das profissões mais antigas do mundo, e que hoje, tem a maioria das parteiras, profissionais formadas em enfermagem obstétrica, tendo como objetivo auxiliar as gestantes durante todo o período da gestação.

Aspectos metodológicos

A pesquisa foi realizada seguindo uma abordagem qualitativa, desenvolvida em uma localidade do meio rural de Palmas de Monte Alto, Bahia. Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma ex-parteira no mês de maio de 2023.

Após a entrevista foi realizado a transcrição das narrativas e, durante o tratamento dos dados foram feitas correções léxicas das falas de Dona Amélia, a qual não fez objeção se ser identificada no trabalho. Vale destacar que foi seguido os preceitos contidos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que contém todas as informações referentes à pesquisa.

Ofício de vida e de amor ao próximo

Dona Amélia Pereira Ramos da Silva, nasceu no dia 04 de fevereiro do ano de 1953, é natural de Malhada, Bahia, residente na Fazenda Barra, meio rural de Palmas de Monte Alto, é a primeira filha de seu Fecundo Pereira da Costa e dona Joana Pereira da Costa, casada, mãe de



11 filhos, e começou no ofício de parteira quando tinha seus 25 anos de idade, ela baseia que durante o período em que atuou como parteira realizou cerca de 30 partos, e me contou um pouco mais sobre ela,

Frequentei a escola, posso dizer que, quando eu era pequena, meu pai não me deu escola não, vim aprender a ler e escrever depois que já tinha me casado. Casei novinha, com 13 anos, aí que vim aprender a ler e escrever, e já depois de adulta fiz até a 4^a série², isso já com 68 anos, hoje no presente momento estou com 70 anos de idade. Não sou muito boa de leitura não, e nem pra escrever não sou muito boa, mas, se alguém mandar uma carta me ‘xingando’, me esculhambando, ele recebe a resposta, porque não dá pra ficar ‘cego’ de tudo não. (Amélia, entrevista, 2023).

Segundo Helman (2003) grande parte do conhecimento das parteiras era adquirido por meio da própria experiência de gravidez e parto. Isso reforça a fala de Dona Amélia, onde ela diz:

não precisei fazer curso não, pra mim foi como uma surpresa, a primeira experiência foi em uma ocasião onde, junto a uma grávida da comunidade só havia eu, ela entrou em trabalho de parto, e tudo se desenrolou muito rápido, ali já estourou a bolsa, em seguida veio a criança, normal, aparentemente sadia, peguei o bebê, depois veio a placenta, em seguida cortei o umbigo da menina, quando foi mais tarde o esposo dela chegou, ela já tinha ganhado o neném, ele perguntou: Ué! E já ganhou? Ela respondeu: sim. Ele questionou: E quem pegou? Ela disse: Comadre Amélia. Eles começaram a sorrir e disseram: parteira! (Amélia, entrevista, 2023).

Helman, (2003) ressalta que além de ajudar no parto, as parteiras prestavam cuidados antes e após o nascimento, cumprindo rituais importantes de acordo com a cultura local. A fala de Dona Amélia corrobora com a afirmação do autor quando ela relata que em sua prática havia os cuidados com as mulheres grávidas: “quando já estava próximo do parto, a grávida já deixava certo comigo. Ela já me chamava e dizia: dona Amélia, tá chegando a hora e estou esperando que a senhora vá me servir. Eu dizia: sim minha filha, se tiver ao meu alcance, vou sim. E muito satisfeita eu ia. (Amélia, entrevista, 2023). Sobre isso, Laderman *apud* Monticelli (1997), destaca que a parteira era escolhida com antecedência pela gestante.

No que se refere ao lugar onde realizava os partos, Dona Amélia afirma que não tinha um lugar específico para fazer os partos, fazia na casa da própria gestante, ela “incomodava”, aí vinham na minha casa me chamar, assim como acontecia com sua mãe”. Quando questionada a respeito das compensações pelo trabalho que realizava, nessa categoria pode-se considerar

² O atual 4º ano do Ensino Fundamental.



apenas o reconhecimento social, pois ela afirma nunca ter cobrado pelos serviços que desenvolvia.

Com minha coragem, com a fé e o entendimento que Deus foi me dando no que eu deveria fazer, eu fui pegando mais uns 2, uns 3, uns 4, e aí agora sempre o povo me chamava e eu na fé de nunca deixar nenhuma mulher sozinha servia. Elas me chamavam e eu não sabia dizer não, eu ia, fazia o parto e voltava para casa, e graças a Deus nunca cobrei de nenhuma mulher, nenhuma mãe, pois achava que era uma caridade que eu estava fazendo, pois sabia que trazer uma vida ao mundo, receber uma pessoa que tá nascendo, ajudar uma mãe trazer uma vida ao mundo era muito importante. (Amélia, entrevista, 2023)

Montiel (2003) relata que, no imaginário social de seu grupo, as parteiras são vistas como médicas, enfermeiras, farmacêuticas, capazes de fazer aliviar, com suas mezinhas à base de ervas e rezas, as dores e os males da população que não conta com outro recurso de saúde. Por este motivo também é que existe esse reconhecimento em considerar o trabalho da parteira, onde muitos meninos e meninas a tiveram como assistente dos seus nascimentos. Mas também existe alguns que não pensam dessa forma, de acordo a fala de dona Amélia como veremos a seguir.

Tem muitas mães e meninos(as) que reconhecem, alguns me abordam dizendo que suas mães disseram a eles que fui eu quem cortei os seus umbigos. Aí já me pediam a benção, mostrando a gratidão e o reconhecimento pelo que fiz por eles(as), alguns me chamam de mãe Amélia, outros de vó Amélia, e tem por mim consideração, alguns meninos(as) que fui assistente da mãe deles já me deram até presente. Às vezes, outras mães não tinham consideração pelo meu trabalho, achavam que era normal, que era um dever meu servi, mas também não corro atrás não, não falo nada, Deus sabe de todas as coisas, se mereço ou se não mereço. (Amélia, entrevista, 2023)

Nos aspectos das condições para a realização da prática de trazer à criança ao mundo, destaca-se a penúria do trabalho, seja na carência de matérias que utilizavam no parto, difícil acesso nas estradas, ambiente de trabalho muitas vezes precário, o transporte, refletem as condições desfavoráveis a realização do ofício de parteira. Dona Amélia relatou que os maridos, muitas vezes vinham buscá-la de bicicleta, de carro, de trator. Ela também relatou que muitas vezes aconteciam a noite quando ela já estava dormindo, tinha que acordar para atender o chamado “benzia meu corpo, se tivesse um guarda-chuva, usava, se não, jogava um pano na cabeça e ia, durante o dia, a noite, na chuva ou no sol, nunca deixei uma mãe sem ajuda”. (Amélia, entrevista, 2023)

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Bahia

16 a 19 de agosto

Considerações finais

Como foi mencionado anteriormente, este trabalho teve a intenção de conhecer como acontecia e os desafios da prática de trazer as crianças ao mundo pelas mãos de uma parteira, uma prática tradicional, que acontecia sobretudo nas comunidades rurais, em virtude das dificuldades do acesso à assistência médica.

Conversar com Dona Amélia e escrever, mesmo que um simples texto como este é uma oportunidade de não deixar morrer histórias e saberes, não deixar cair no esquecimento, na invisibilidade, uma prática tão importante como esta, de dedicação, amor ao próximo e empenho, pois o nascimento é um momento carregado de significado não só para a mãe, mas também para aquela pessoa que está auxiliando, prestando todos os cuidados que mãe e filho necessitam, dessa forma esta pesquisa busca trazer conhecimento para que possamos enxergar estas mulheres guerreiras com um outro olhar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais** [recurso eletrônico]: o Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL, **Trabalho de parteiras é reconhecido pelo sus**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/>. Acesso em: 01/06/2023.

HELMAN, C.G. **Cultura, Saúde e Doença**. Porto Alegre (RS): ARTMED; 2003.

MONTICELLI, M. **Nascimento como um rito de passagem**: abordagem para o cuidado às mulheres e recém-nascidos. São Paulo (SP): Robe Editora; 1997.

MONTIEL, E. A nova era simbólica: a diversidade cultural na área da globalização. *In*: SIDEKUM, A. (Org.). **Alteridade e multiculturalismo**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003. p. 15-56.

NEVES, M.A. **Parteiras: profissão ou doação?** Rev Promoção Saúde 2002; 6: 60-2.



Parteiras tradicionais do Brasil. www.gov.br. Disponível em: https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/aberta-consulta-publica-sobre-os-saberes-e-praticas-das-parteiras-tradicionais-do-brasil/Dossi_ParteirasTradicionaisdoBrasil_diagramadoparadivulgao_compressed.pdf. Acesso em: 14/06/2023.

TEXEIRA, B. Apresentação. *In: Parteiras.* Coleção Raízes do Saber. Instituto Terraviva. Maceió, 2018.